



Urbano Bettencourt

Rumo ao Centenário (2)

Pedro da Silveira e a cultura popular

“O facto é que já nos anos 40 Pedro da Silveira estava atento à realidade da cultura popular e à necessidade de registá-la antes que ela se fosse diluindo e desaparecesse.”

Sabe-se como o cancionero e o romancero açorianos constituíram um dos domínios da investigação de Pedro da Silveira, sabe-se da atenção que lhe mereceram enquanto elementos do património e componentes do campo mais vasto da literatura oral e tradicional. Na verdade, o poeta não se limitou à recolha e divulgação desses materiais, mas incorporou-os na sua poesia, deixou-a «contaminar-se» por eles, como se vê no recurso a diversas formas populares, balanceamentos e entoações que denunciam o contacto com a expressão literária popular (leia-se, por exemplo, a «Toada dos jornais velhos» ou a belíssima «Trova das três primas»). Sinal de que o investigador se apaixonou pelo objecto do seu trabalho e no mesmo passo tornava natural (descomplexada) e democrática a circulação entre a cultura erudita e a popular.

Neste domínio, costuma referir-se um conjunto de trabalhos assinados por Pedro da Silveira. Entre eles, *Colóquio em honra do Menino Deus*, coligido na Ilha das Flores por Pedro da Silveira (Ponta Delgada, *Insulana* 9, 1953); *Das tradições na Ilha das Flores*. Angra do Heroísmo, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 1985. *Catorze trovas e um conto recolhidos na Ilha das Flores*. Lisboa, *Revista Lusitana. Nova Série*. Vol. 7 (1986), p. 103-123; *Mais alguns romances da ilha das Flores*. Ferreira do Zêzere, Centro de Estudos Históricos e Etnológicos, 1986. E mesmo o opúsculo *José Leite de Vasconcelos nas Ilhas de Baixo* (Lisboa, Seara Nova, 1959), em que, com muito conhecimento de causa, Pedro da Silveira se ocupa de *Mês de Sonho*, o livro de Leite de Vasconcelos que regista os elementos da cultura popular encontrados nos Açores pelo etnólogo português durante a sua viagem de 1924, integrado na «Missão Intelectual».

O facto é que já nos anos 40 Pedro da Silveira estava atento à realidade da cultura popular e à necessidade de registá-la antes que ela se fosse diluindo e desaparecesse. É o que se verifica com o texto «Uma versão florense do Romance de Dom Aleixo», publicado no jornal *A Ilha*, de Ponta Delgada, a 23 de Junho de 1945.

Para lá da fixação e divulgação do texto, importa reter ainda as articulações que os comentários estabelecem, reenviando simultaneamente a autores e obras da área de referência (Garrett, Teófilo, Teixeira Soares) e à poética autoral de García Lorca. Coisa só possível a quem sempre circulou entre livros e campos do saber, consciente de que, enquanto homem, nada lhe podia ser estranho.

Urbano Bettencourt

Uma versão florense do Romance de Dom Aleixo

Almeida Garrett, publicando no seu *Romanceiro* o «Romance de Dom Aleixo», fê-lo acompanhar de uma nota, considerando-o fragmentário e incompleto.

Não tenho presente nenhum exemplar daquela obra. Mas tenho o «Romance de Dom Aleixo» que copiei de uma edição daquela obra, creio que a primeira.

Confrontando-o com uma versão por mim recolhida na Fajã Grande (Ilha das Flores) – «Trova de Aleixo» –, noto-lhes, a par de diferenças notáveis, bastantes afinidades. Na impossibilidade de poder dizer alguma coisa de essencial sobre este assunto (nem sequer tive ensejo de consultar a obra de Teófilo Braga e João Teixeira Soares), limito-me a transcrever a versão por mim colhida nas Flores, que quem quiser poderá confrontar com a de Garrett.

«Trova de Aleixo», das Flores

Aleixo se alevantara
da cama onde dormia.

Chegara à sua janela
para ver que horas seria.
– São horas de caminhar
para quem tem a que ir.

Lá no meio da estrada
encontrou um vulto preto
– Que fazes por qui alma passada,
oh corpo de outra vida?
– Eu não sou alma passada
nem corpo de outra vida:
sou a morte de Aleixo
que te venho dar o aviso:
que estão sete à tua espera
para te tirar a vida.
– Nem sete nem outros sete
me levam à valentia.

.....
Pasmemos gente nobre,
pasmemos gente honrada.
Dos sete que eles eram
nenhum lhe dera fala.
Aleixo como valente
pegara da sua espada;
matou a três de um só golpe,
outros dois duma facada.
Os outros quando tal viram
a cabeça lhe cortaram
e à mãe a foram levar.

A mãe quando tal viu
tratou de o prantear:
Filho meu, eu bem dizia
Filho, eu te aconselhava
que as tuas saídas de noite
não davam em mais nada.

– Se a fortuna assim o quis
faça-me o enterramento,
a sepultura de prata,
forrada de oiro por dentro.

Há neste romance uma beleza, uma força de expressão, admiráveis, não obstante as naturais deturpações e falhas que sem dúvida tem. E não poderia deixar de ser assim, transmitido oralmente durante séculos, forçosamente algumas obliterações e deformações teria de sofrer.

Mesmo assim, tal como me foi transmitido, acho-o mais belo que o de Garrett, possivelmente retocado pelo grande poeta. Lembra até os poemas do grande Federico García Lorca, do [*Romanceiro*] Gitano.

O folclore dos Açores ocidentais é riquíssimo e muito original, para mim o mais característico do Arquipélago. Urge salvá-lo antes que desapareça o melhor dele.

Pedro da Silveira

P. Delgada, 11/6/945